

O IRMÃO CONSELHEIRO

Servindo de auxiliar
Para um mentor enfermeiro,
Entrei no lar confortável
Do irmão Genésio Pinheiro.
O instrutor que me levava
É um prestimoso atendente
Que declarava Pinheiro
Necessitado e doente.
Qual não foi o meu espanto,
Ao notar no visitado
Um quarentão alto e forte,
Notavelmente trajado.
O mentor recomendou-me
Silêncio, calma e atenção...
Sentado, o dono da casa
Escrevia ao próprio irmão.

Postados à retaguarda,
 Sem querer, eu mesmo lia
 Tudo aquilo que Pinheiro
 Fraternalmente escrevia:
 —“Prezado mano Jojota
 - Dizia, na carta amiga -
 Conforme os tempos de hoje,
 É preciso que eu lhe diga...
 Para guardar a saúde,
 Você, que é moço educado,
 Conserve os nossos princípios
 E tenha muito cuidado.
 Durma cedo. Evite farras.
 Não busque dor-de-cabeça,
 Nem procure a companhia
 De moças que não conheça.
 Nada de álcool na boca,
 Nem mesmo vinho ou licor,
 Fuja do ar poluído
 De qualquer rua a transpor.

Não fume, porque o cigarro
 Parece trama ou feitiço,
 A pessoa quer deixá-lo,
 Depois não pensa mais nisso.
 Não coma carne de porco,
 Nem beba água qualquer...
 Lembre sempre os três perigos:
 Fumo, bebida e mulher...”
 Nesse tópico da carta,
 Pôs-se a ler o texto feito,
 Mas sentiu, desconcertado,
 Uma forte dor no peito.
 Fitando a carta na mesa,
 Sob enorme desconforto,
 Ergueu-se e saiu gritando...
 Em seguida, estava morto.